

Oposições promovem dia de encontros e articulações

■ Lula se reúne com Brizola e Arraes, mas não garante apoio do PSB. Ciro debate projeto

Brasília - Gilberto Alves

Os líderes oposicionistas tiveram ontem uma dia de agenda cheia nas articulações para a sucessão presidencial deste ano. O governador de Pernambuco, Miguel Arraes (PSB), se encontrou logo cedo com a cúpula petista capitaneada por Luís Inácio Lula da Silva. No começo da noite foi a vez de o ex-governador Leonel Brizola receber, no Rio, o candidato do PT. O ex-ministro Ciro Gomes, presidenciável do PPS, por sua vez, foi a Vitória, no Espírito Santo, na companhia do senador Roberto Freire, almoçou no Palácio Anchieta com o governador Vitor Buaz e discutiu com ele o seu projeto de governo para as esquerdas. Os discursos repetiram a necessidade da união das esquerdas, mas pouco avançaram em relação a apoios concretos.

O governador pernambucano, por exemplo, afirmou que não tem nenhuma restrição à candidatura de Luís Inácio Lula da Silva. Mas disse que não poderia antecipar o apoio do PSB antes de uma discussão interna. "O Lula tem adeptos apaixonados e restrições no partido, pois ele não é um anjo", afirmou. Ciro Gomes disse que a declaração de Lula, que antecedeu se dispôs a apoiar outro candidato ou concorrer a vice, "é um jogo de cena para cabalar votos de dissidentes do PMDB".

Arraes se reuniu por mais de uma hora com o candidato e o presidente do PT, José Dirceu, na sede da representação do estado de Pernambuco em Brasília. No final, insistiu na unidade dos partidos de oposição. "Esta frente é maior que os nossos partidos. Queremos a unidade para que as forças populares retomem os destinos do país e promovam a reconstrução nacional", disse.

Apesar da indefinição do PSB, Lula saiu satisfeito da conversa com Arraes. O candidato do PT à presidência da República afirmou que o vice de sua chapa será definido pelos quatro partidos - PT, PDT, PSB e PC do B - que devem compor a frente de esquerda. Lula menosprezou as eventuais restrições ao seu nome entre os aliados.

"A maior restrição à minha candidatura era minha mesmo. Por três anos tentei mostrar ao PT que o partido deveria ter outro candidato", afirmou Lula, acrescentando que só unidos os partidos de esquerda conseguirão ser uma alternativa eleitoral ao presidente Fernando Henrique Cardoso.

Vice - Arraes declarou que se empenhará para unificar o PSB no apoio

a Lula, mas deixou claro que não gostou da forma como o PT ofereceu a vaga de vice Lula ao PDT. "Pode ter havido equívoco na condução dos entendimentos, mas queremos trabalhar as convergências e não as diferenças secundárias", disse.

O deputado Almino Afonso (PSB-SP), presente ao encontro, ficou encarregado de marcar uma reunião, na próxima semana, entre Arraes e o PSB paulista.

Um dos problemas internos que Arraes terá de resolver no seu partido se chama Luiza Erundina. A ex-prefeita de São Paulo resiste à codigação com o PT, seu ex-partido.

O líder do PSB na Câmara, deputado Alexandre Cardoso (RJ), também faz restrições à candidatura Lula e articula o lançamento de uma candidatura própria: a do ministro Sepúlveda Pertence, do Supremo Tribunal Federal.

Após o encontro com Arraes, Lula e José Dirceu embarcaram para o Rio de Janeiro, onde pretendiam fechar a aliança com Leonel Brizola, do PDT. O presidente do PT disse que, embora o partido tenha pressa para definir a frente e iniciar a campanha de Lula, dará ao PSB o tempo que for necessário para resolver seus problemas internos.

"Nós temos que começar a campanha logo, porque não temos meio bilhão para gastar em publicidade como o governo", afirmou. José Dirceu anunciou a retomada dos debates entre os quatro partidos, para formular um programa de governo alternativo às propostas que serão defendidas pelo presidente Fernando Henrique Cardoso.

Já o ex-ministro Ciro Gomes, depois de afirmar que sua visita ao Espírito Santo era o início da discussão de um projeto alternativo das esquerdas, previu que o país mergulhará na "estagnação econômica". Segundo o ex-ministro, a política econômica do governo "vai agravar os problemas que já estão vindo por, como falências, concordatas, desemprego, queda do salário real, erosão dos serviços públicos e decadência da infraestrutura".

O ex-ministro destacou que a vulnerabilidade do real é muito grande, mas o Brasil "tem condições de resistir, pois tem estrutura econômica, bases financeiras muito grandes e até política para evitar isso". Reiterou, entretanto, que "a situação infelizmente é preocupante."



Arraes e Lula trocam abraços e palavras a favor da frente de esquerdas